

Hóspede por uma Noite: O Amanhã do Passado

A Guest for the Night: Tomorrow's Past

LUIZ HENRIQUE A. SOARES

Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (2011).

Resenha de: AGNON, Sch. I.. Hóspede por uma noite. São Paulo: Perspectiva, 2014.

NO DISCURSO EM QUE ANUNCIOU A CONCESSÃO DO NOBEL DE LITERATURA DE 1966 a Schmuél Iossef Agnon (e também a Nelly Sachs), a Academia Sueca referiu-se a *Hóspede por uma Noite* (1939) como sua principal obra. Recém-lançado pela editora Perspectiva, traduzido por Zipora Rubinstein, revisto por Margarida Goldszajn e Nancy Rozenchan, com estudo introdutório de Jacó Guinsburg, apresentação de Berta Waldman e posfácio de Luís S. Krausz, o leitor brasileiro tem finalmente agora a possibilidade de descobrir por quê.

Antes, porém, algumas palavras sobre o autor, que é, infelizmente, desconhecido do público brasileiro, não obstante todos os qualificativos elogiosos e merecidos que lhe foram dedicados, mesmo em português. Dele foram publicados *Novelas de Jerusalém* (1967), *Contos de Amor* (1996), *Uma História Simples* (2002), além do conto “Tehila” (em *Nova e Velha Pátria*, 1966), todos pela Perspectiva. Schmuél Iossef Czaczkes nasceu na Galícia (em Bučač, então parte do Império Austro-Húngaro e hoje pertencente à Ucrânia) e, depois de ter publicado alguns textos em ídiche e hebraico na imprensa local, concretizou o seu ideal sionista e sua opção hebraizante, emigrando para a Palestina, aos 21 anos, em 1908. No ano seguinte lançava seu primeiro trabalho importante, *Esposas Abandonadas* (1909; foi desse título, *Agunot* em hebraico, que o escritor tirou seu *nom de plume*). Nas décadas de 1910 e 1920, sua produção como contista o fez ser notado e o transformou num “clássico” – o último deles no caso da língua hebraica, segundo Gershom Scholem –, sendo laureado, já em 1934, com o prêmio Bialik, o mais prestigioso das letras hebraicas.

Convém atentar que um homem de letras desse idioma enfrentava com sua matéria-prima, à época em que Agnon começou a escrever, um desafio maior que seus congêneres mundo afora. A língua hebraica que Agnon recebeu, como ressalta Scholem (1994, p. 97), era portadora de uma extensa tradição religiosa, uma língua masculina, da casa de estudos, e vividamente literária, mas um tanto desprovida de recursos frente às necessidades mais profanas de um ambiente moderno: não tinha, por exemplo, muitas palavras para termos do dia a dia, enquanto outras palavras adquiriam novos e, às vezes, inusitados sentidos – e um episódio da personagem Prófi, de *A Pantera no Porão*, de Amós Oz (1999), ilustra isso muito bem. Até mesmo o modo de falar era outro; por influência do meio, os judeus asquenazitas da Europa Oriental acentuam em geral a segunda sílaba, enquanto os sefarditas, cuja pronúncia prevaleceu, acentuam em geral a primeira, o que impacta diretamente a expressão e é um problema de monta, notada-

mente para os poetas, como se deu com Bialik. Era, portanto, muito diferente da língua jovial, prosaica, em constante incorporação de novos elementos, palavras e pessoas dos últimos anos de vida de Agnon. Assim, ele e seus companheiros na Palestina das primeiras décadas do século passado foram pioneiros não apenas com relação à terra. A isso é preciso acrescentar que Agnon, que passara a juventude lendo todo escrito hebraico que lhe caísse em mãos – com especial predileção pelos textos mais obscuros, os quais coletava –, fazia extenso uso desse repertório na constituição de seus textos, de resto plenamente modernos na forma, o que lhe confere seu caráter único e faz de sua obra uma ponte entre duas vivências judaicas: a do passado, o judaísmo europeu e seu legado, e a do futuro, no Estado de Israel que se recriava após dois milênios.

Voltando à sua biografia, a decisão de visitar a Alemanha rendeu a Agnon uma estada de dez anos, entre 1914 e 1924, já que, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, lá ficou retido. Foi um período importante, no qual pôde conhecer e trabalhar com a *intelligentsia* judia-alemã, com intelectuais do porte de Franz Rosenzweig, Martin Buber e Scholem, entre outros, tendo iniciado com o primeiro um livro sobre o hassidismo que, junto com seus manuscritos, um dos quais, segundo consta, em vias de seguir para o editor, pereceu no incêndio que destruiu sua casa – bem como sua biblioteca de obras hebraicas raras. Esse episódio, que Agnon fazia questão de lembrar, ocasionou seu retorno a Israel e se repetiria em 1929, quando sua casa em Talpiot, bairro em que morava em Jerusalém, foi atacada durante os distúrbios árabes e sua biblioteca foi destruída novamente.

Tal acontecimento levou Agnon a empreender, de fato, em 1930, uma visita à sua cidade natal, assim como o protagonista de *Hóspede por uma Noite*, não sendo essa, inclusive a única autorrefe-

rência presente no relato; há outras mais, como os poemas do protagonista, que vêm a ser obras da juventude de Agnon.

Hóspede por uma Noite é, na visão de seu autor, a terceira parte de uma “trilogia” – que não segue a ordem cronológica de publicação – constituída ainda por *O Dote da Noiva* (a primeira parte, livro publicado em 1931, cuja história se passa em pleno apogeu do hassidismo na Galícia polonesa) e *Ontem, Anteontem* (a segunda parte; embora o livro tenha sido publicado apenas em 1946, sua trama se desenrola antes da Primeira Guerra Mundial), ambos inéditos no Brasil. Em primeira pessoa, *Hóspede* conta, como vimos, a visita do protagonista à sua cidade natal após a “Grande Guerra”.

A história é narrada como uma espécie de diário, e é pelos sentidos e pela consciência do narrador que adentramos a essa cidade, Szibuscz, tão ferida e empobrecida quanto seus moradores, e não apenas materialmente, como seu nome já denota, pois Szibuscz significa, em hebraico, quebrado, danificado, arruinado. E o que está arruinado e perdido, definitivamente, não são apenas os edifícios, as marcas de seu passado próspero, mas principalmente seu futuro. As personagens de Agnon estão todas física ou espiritualmente feridas, quando não ambos, sem lastro e sem perspectiva, e se Szibuscz não é uma cidade-fantasma, é uma cidade-espectro não apenas de um imediato passado individual, mas também daquele de toda uma coletividade e mesmo de uma era. Para onde quer que o protagonista dirija o olhar nostálgico, encontra apenas o vazio de sentido e a decrepitude, como no exemplo abaixo:

Até mesmo o Chafariz Real – a fonte da qual bebeu Sobieski, rei da Polônia, ao retornar derrota-

do do campo de batalha – tinha os degraus quebrados, e a placa comemorativa danificada com as letras de seu nome, gravadas em ouro, apagadas, e ervas rubras como sangue brotando delas como se o anjo da morte tivesse afiado nelas a sua foice. Rapazes e moças não se encontravam lá e não ouviam cantos ou risos, e a fonte vertia água e a derramava na rua como se derramam as águas no pátio da casa em que jaz um morto. Todos os lugares haviam mudado, e até mesmo os espaços entre as casas estavam modificados. (AGNON, 2014, p. 48-49)

O trecho acima é ilustrativo de vários modos. A fonte poderia ser tomada como representação da tradição judaica ou do saudosismo de um homem que se sente envelhecer, mas a evocação do narrador é outra. Não é a memória pessoal, que apenas comparece na sua forma negativa (“rapazes e moças *não* se encontravam lá, *não* se ouviam cantos ou risos”), que dá a dimensão da decadência do lugar, mas a memória histórica contextual e não judaica. A fonte que um dia serviu ao rei da Polônia, em torno da qual, anos atrás, os jovens se reuniam, agora tem sua água desperdiçada, escorrendo pelo calçamento. Pior do que ser uma fonte seca, morta, ela é uma fonte que sangra, abandonada para agonizar à vista dos que passam. Ninguém se importa, já que, de certa forma, estão todos na mesma situação. Agnon parece dizer que não apenas para as pequenas comunidades judaicas um mundo estava se acabando com o fim dos Impérios Austro-Húngaro e Otomano, a eclosão da Revolução Russa e a vigência do Tratado de Versalhes. A antiga ordem é agora relembada de forma idealizada, relevados todos os seus problemas, como deixam transparecer as referências das personagens, sempre positivas, à figura do *kaiser* Guilherme. O retrato que faz Agnon daquela comuni-

dade registra o quanto já estava evidente, nos anos de 1930, que a velha forma de vida caminhava aceleradamente para a extinção, que se dava principalmente pela dissolução dos laços e pela interrupção da vida, tal como relatadas no livro – não há apenas personagens às quais falta uma parte do corpo, mas as famílias também têm suas histórias tristes para contar acerca de algum de seus membros que, de uma forma ou outra, se perdeu, e a própria cidade perdeu algumas partes. O que o autor não poderia prever é que essa extinção seria perpetrada com o ímpeto e a violência de um genocídio.

Talvez nada seja mais exemplar da situação encontrada pelo narrador em sua cidadezinha do que as personagens jovens. A elas, o passado não serve de refúgio, o presente restringe-se a sobreviver, e o futuro nada promete. Isso fica patente no caso de Ierukham *Liberto* (tradução do hebraico *hofschi*). De que ele está livre? Sem dúvida, da carga da tradição, mas, após ter passado um período na Palestina, também está livre de qualquer sonho utópico com uma nova terra. Ele também retornou de Israel e passa seus dias sintomaticamente reparando o leito das ruas, o que, como ressalta o protagonista, é supérfluo. E seus olhos deixam entrever a cólera que sente (notadamente contra o narrador-protagonista, de início, já que foi a lendária partida deste para a Palestina que inspirou Ierukham a fazer o mesmo) e que se expressa não pela revolta ativa, mas pelo sarcasmo eventual. Este Ierukham não está apenas livre, mas solto, à deriva. Há outro Ierukham mencionado no relato, o filho de Rabi Schlomo, que também não teve futuro em Israel, tendo sido assassinado por um árabe, o que assinala uma inversão de expectativa: enquanto os jovens não vicejam na Terra Santa, a despeito de suas boas intenções e de seu esforço, são os dois “velhos” – o narrador que serviu de inspiração ao primeiro e o pai, no caso do segundo, ambos estrei-

tamente vinculados à tradição – que efetivamente realizam o sonho sionista.

A própria figura do narrador expressa uma tensão dialógica entre o velho e o novo, bem como uma cisão interna. À medida que sua relação com a filha do hotelheiro se torna mais próxima, fica evidente a atração que o hóspede de meia-idade sente por ela. Se, no começo, ao mencioná-la, ele tece para si considerações do tipo “um jovem de vinte anos pode ser que a corteje, *mas não um homem entrado na idade da compreensão*”, ao final já trava verdadeiros embates dialogais com seu outro eu na tentativa de conter esse desejo. Os nomes Ierukham e Raquel são significativos: na Bíblia, Ierukham é o nome do pai de Elcana, que tinha duas esposas, das quais a predileta, Ana, era estéril, tendo dado à luz por intercessão divina o profeta Samuel; Raquel é, evidentemente, a esposa diletta, e a princípio também estéril, de Jacó. No *Hóspede*, dois Ierukhans emigram para Israel: um vai trabalhar, ou seja, fecundar a terra, em Ramat-Rahel (forma hebraica do nome Raquel) e ali perece; o outro volta à sua terra e tem um filho com a jovem Raquel, uma criança recebida como um símbolo de esperança na cidade, em outra inversão de expectativa, já que Ramat-Rahel, se tomada como símbolo de Israel, é que estava destinada a vingar, não Szibuscz. É como se Agnon efetuasse uma espécie de deslocamento do tropo da infertilidade do aspecto físico (corpo / terra) para a esfera do questionamento histórico.

Aliás, o emprego dos nomes pelo autor é um caso à parte, pois eles tanto podem ter algum significado para possíveis interpretações da trama (Ierukham Liberto e Szibuscz, por exemplo), como podem evocar algo jocoso – como a referência a um certo Łukasiewicz, provavelmente o lógico polonês Jan Łukasiewicz – ou ser apenas e tão somente um nome; tudo serve à interminável ironia do

autor. Agnon nunca foi de fácil interpretação, justamente porque as interpretações que sua obra recebeu ao longo do tempo são, muitas vezes, excluídas. O próprio Gershom Scholem coloca o enigma de Agnon: o “grande defensor da fé” dos ortodoxos ou “o gênio existencialista que apontava o vazio em toda a sua intensidade”? Scholem ressalta como Agnon chegava a divertir-se com tais questões, “e deixou a cargo de seus leitores fazer um verso sobre ela[s], e de seus comentadores se pegarem entre si”. (SCHOLEM, 1994, p. 103)

E eles o fizeram e ainda o fazem. Cada texto de Agnon, mercê de sua habilidade como contador de histórias, sua erudição e sua verve, oferece material para um sem-número de interpretações, como a de Baruck Kurzweil – que repudia veementemente a definição de Agnon como um escritor religioso (KURZWEIL, 1967, p. 23) –, para quem o Iom Kipur representa, na obra de Agnon, a crise de identidade do judeu moderno, cindido entre o ímpeto contemporâneo de questionar e desafiar a autoridade e a tradição e o reconhecimento de que essa mesma tradição constitui sua especificidade; ou as que o contrapõem a Kafka, como a de Edmund Wilson (1966), por exemplo; ou ainda a de Vilém Flusser, para quem Agnon é um “judeu ortoprático”, que escolheu um dentre os modelos de vida disponíveis, pois “já que o homem não pode encontrar-se a si mesmo dentro de si mesmo (dada a sua falta de fundamento), pode encontrar-se e identificar-se com um modelo deliberadamente escolhido. Todos os modelos são equivalentes [...] Não importa, portanto, qual o modelo que escolho para engajar-me nele” (FLUSSER, 1967, p. 9).

Todas essas leituras se aplicam a *Hóspede por uma Noite*. Porém, o mais marcante ali para o leitor é a sensação crescente de estar presenciando um pesadelo, a experiência de pessoas presas para sempre em certo lugar e tempo, impedidas de es-

capar dali por mais que tentem, como o jovem que vai para Israel no mesmo navio em que está o narrador-protagonista apenas para ser deportado de volta, e, nesse contexto, a história dá um tom macabro à alegria com que Szibucz recebe o primeiro bebê a nascer em muitos anos, um destino do qual Agnon parecia estar presciente ao afirmar, na última página, que “toda Szibucz espera pela misericórdia divina” – que não veio.

REFERÊNCIAS

AGNON, Sch. I.. *Hóspede por uma noite*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FLUSSER, Vilém. “Agnon, ou o Engajamento no Rito” in AGNON, Sch. I., *Novelas de Jerusalém*, São Paulo: Perspectiva, 1967.

KURZWEIL, Baruck. “A Religião na Obra de Agnon” in AGNON, Sch. I., *Novelas de Jerusalém*, São Paulo: Perspectiva, 1967.

OZ, Amós. *A Pantera no Porão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHOLEM, Gershom. “S.J. Agnon: O Último Clássico?” in G. Scholem, *O Golem, Benjamin, Buber e Outros Justos*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

WILSON, Edmund. The Invisible World of S. Y. Agnon, *Commentary*, December, 1966.

Disponível em: <http://www.commentarymagazine.com/article/the-invisible-world-of-s-y-agnon/>. Acesso em: 09/08/2014.

Recebido em: 03/07/2014

Aceito em: 10/08/2014